

Anais do
II Seminário Internacional de Integração Étnico-Racial e as Metas do Milênio

POLÍTICAS SOCIAIS E AMBIENTAIS - CONHECENDO O CONTINENTE AFRICANO E A CULTURA AFRICANA E AFRO BRASILEIRA

*Social And Environmental Policies-Knowing The African Continent
And The African And Afro-Brazilian Culture in English,*

Célia Regina

Célia Regina Mistro, graduada em Letras, mestre em Literaturas Comparadas em Língua Portuguesa. Professora do Colégio e da Faculdade de Tecnologia ENIAC-FAPI nos cursos de Literatura, Gramática, Comunicação Empresarial, Políticas Sociais e Ambientais, Ética e Cidadania, Sociologia e Ciências Sociais. Oficina e Produção de Textos para Web, desde 2007.

ABSTRACT

The history of Africa is as old as the history of writing. The records of the human presence in Africa date back to the end of the third age and beginning of the fourth. The fossils of australopiths, atlanthropos, Neanderthals and Cro-Magnon found in different locations in this continent takes anthropologists to seek the human origin. Different from all weigh, Africa was not linked to slavery and misery, she went through prosperous times. African Studies and African Brazilians in addition investigate the scientific aspects aspects also analyzes social and environmental policies of the African continent.

Keywords: Social and environmental policies, the African continent, African and afro-Brazilian culture.

RESUMO

A história da África é tão antiga quanto a história da escrita. Os registros da presença humana na África datam do fim da terceira era e início da quarta. Os fósseis de australopitecos, atlantropos, homens de Neandertal e de Cro-magnon encontrados em diferentes locais neste continente leva os antropólogos a buscarem a origem humana. Diferente do que todos pesam, a África não esteve sempre ligada à escravidão e a miséria, ela passou por tempos prósperos. Estudos africanos e afro brasileiros além investigar os aspectos científicos analisa também os aspectos políticas sociais e ambientais do continente africano.

Palavras-chave: Políticas sociais e ambientais, continente africano, cultura africana e afro brasileira.

INTRODUÇÃO

O objetivo da investigação é a compreensão da África e os maiores avanços tecnológicos da história, entre eles, a prática agrícola, criação de gado, mineração e metalurgia - do cobre, do bronze, do ferro, do aço -, o comércio, a escrita, a arquitetura e engenharia na construção de grandes centros urbanos, a sofisticação da organização política, a prática da medicina, o avanço do conhecimento e da reflexão intelectual.

A metodologia escolhida foi a pesquisa bibliográfica pela natureza da investigação.

A justificativa é compreender a evolução do percurso e da prática agrícola, avanços tecnológicos, metalúrgicos, arquitetônicos políticos e na área da medicina. Observar ao longo do desenvolvimento da civilização, a presença do colonizador e do escravizado. Perceber o que determinou o avanço, a conscientização e educação de um enquanto o outro permanece escravizado até hoje. Esse reflexo se manifesta na permanente luta de muitos contra a injustiça e a corrupção e a ausência da verdade que iniciou na invasão em 1500 do Brasil.

A hipótese é que com a compreensão das mudanças ao longo dos séculos é possível perceber

o que distância o mundo contemporâneo do início das civilizações seja possível refletir sobre a situação de secular da escravatura.

Observa-se que:

“O debate sobre o tema na história contemporânea é o reflexo da conscientização e educação do novo povo não apenas brasileiro, mas, mundial. Ela se propaga a partir do momento que se propaga o acesso à educação e informação às classes menos favorecidas. A condição de escravidão se mantém até hoje. É uma escuridão que se mantém entre os povos até que a luz da educação a descortina. A luta atual pelos direitos dos herdeiros do continente africanos é um reflexo que manifesta a permanente luta contra a injustiça e a corrupção e a ausência da verdade que não iniciou na invasão em 1500 do Brasil, está muito além dela”, conforme Souza (2015).

O referencial teórico explora as referências bibliográficas e os autores abordam as questões da África e suas consequências no mundo, o fantasma da sua responsabilidade pela miséria e escravidão, e os seus aspectos políticos sociais e ambientais. Castro (2005). Rodrigues (1977), Ribeiro (2013) e Souza (2015) dissertam sobre o tema. A figura 1 apresenta o mapa com a divisão geográfica da África.



Figura 1: Mapa da África
Fonte: CASTRO, 2015

A África foi também centro do desenvolvimento de civilizações, uma das mais avançadas da experiência humana. Entretanto, a imagem de seus povos como não construtores do conhecimento ou da tecnologia complementada pela ideia de suas civilizações como “importadas” ou erigidas por povos estrangeiros, ainda molda o conceito comum da África como um continente sem história. Apenas muito recentemente, há o reconhecimento de uma África histórica repleta de grandes realizações.

Ao abordar a história africana, é preciso ampliar a perspectiva para muito além, dos últimos quinhentos anos, que constituem apenas uma minúscula parte dessa história. Aliás, o ufanismo - atitude, posição ou sentimento exacerbado de

orgulho pelo país de origem ou de adoção - em torno da expansão europeia quinhentista tende a distorcer nossa visão histórica em geral, reduzindo o mundo antigo a um imobilismo primitivo que não o caracterizava.

Os povos antigos inclusive os africanos navegavam os mares à procura da rota para as Índias, milênios antes das caravelas portuguesas e espanholas. Os egípcios construam navios de grande porte desde o terceiro milênio a.C., e há indícios de que enviavam frotas até a Irlanda à procura de estanho para fazer o bronze.

Os mouros, basicamente povos africanos islamizados, dominaram a península ibérica durante séculos, ocasionando um verdadeiro iluminismo na

Idade Média europeia ao “protagonizar” o avanço dinâmico do conhecimento humano. Mouros vem do termo “grego” mauros - escuro ou negro - e era aplicado pelo exército romano aos africanos que invadiram, por volta de 50 a.C., a região dos atuais países de Marrocos e Argélia. A dinastia dos Almorávidas, um dos principais agentes da dominação da Península Ibérica, era marcadamente negro-africana.

O Iluminismo foi um movimento intelectual que ocorreu na Europa do século XVIII, e teve sua maior expressão na França, palco de grande desenvolvimento da Ciência e da Filosofia. Também conhecido como Época das Luzes, foi o período de transformações na estrutura social, na Europa, onde os temas giravam em torno da Liberdade, do Progresso e do Homem. Iluminismo é o nome que se dá à ideologia que foi sendo desenvolvida e incorporada pela burguesia, na Europa, a partir das lutas revolucionárias do final do século XVIII. As origens do Iluminismo, já se encontravam no século XVII, nos trabalhos do francês René Descartes, que lançou as bases do racionalismo, como a única fonte de conhecimento. Acreditava numa verdade absoluta, que consistia em questionar todas as teorias ou ideias pré-existentes. Sua teoria passou a ser resumida na frase: "Penso, logo existo".

Na Europa, naquela época, não havia dúvida quanto à identidade africana dos mouros,

como testemunham o personagem Otelo, de Shakespeare, bem como retratos pintados e bustos esculpidos à época.

A circunscrição do olhar histórico aos últimos quinhentos anos reforça a imagem construída, muito recentemente, dos povos africanos como primitivos ou eternos escravos. Ao deixar de lado 5.500 anos de desenvolvimento africano que antecedem o período da escravidão mercantil, essa perspectiva encoberta um fato incontestável:

- Os africanos viveram apenas uma ínfima parte de seu tempo histórico amarrados aos grilhões da escravidão mercantil.
- Durante milênios, foram agentes ativos do desenvolvimento da civilização humana em todo o mundo.
- Sobre a ocupação no território do continente africano e o desenvolvimento das milhares de línguas africanas.
- A lenta transformação do Saara em deserto provocou migrações, as populações se misturavam.
- O domínio da tecnologia do ferro se integra a esses fluxos, formando um fator de desenvolvimento comum entre os povos do continente.

O deserto do Saara equivale a 35% do território africano, sua extensão é maior que o Brasil, o que pode ser observado na figura 2.

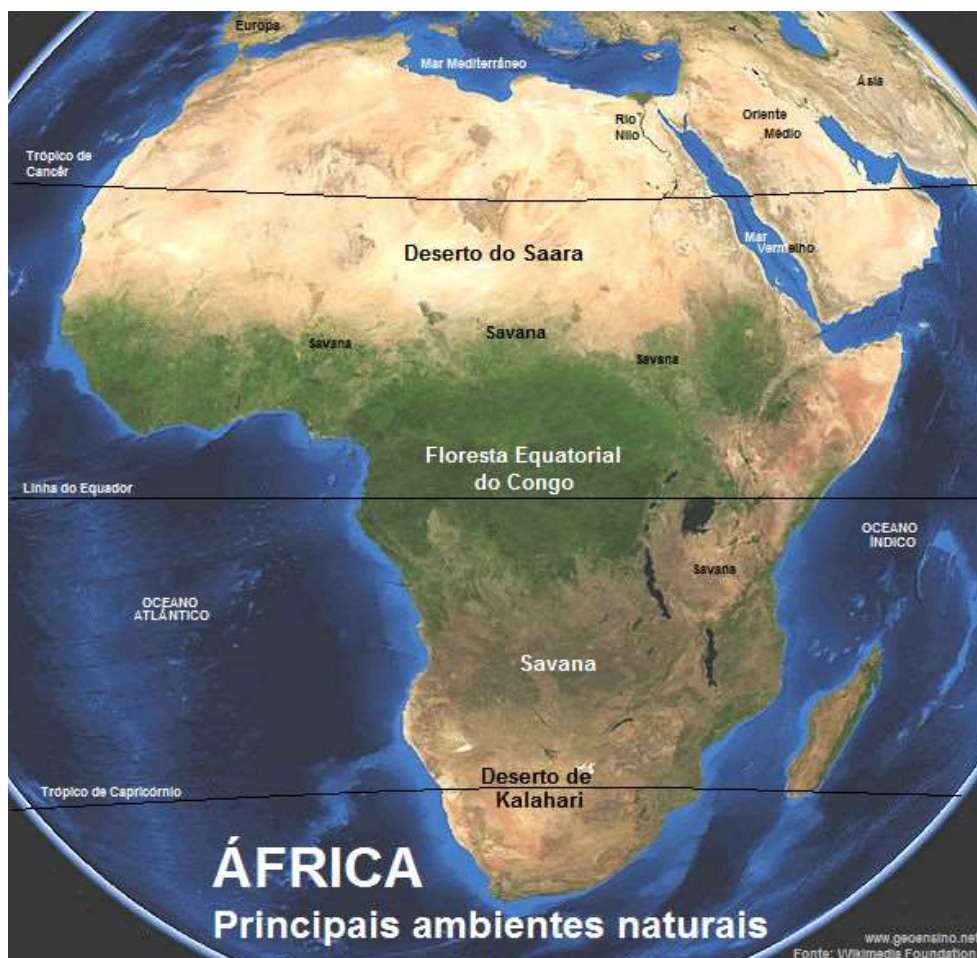


Figura 2 Vista aérea, geral da do deserto do Saara, África. Fonte na imagem

Fonte: CASTRO, 2015

A civilização Egípcia também é uma fonte que se reflete em vários aspectos de fluxo cultural. Mais de mil línguas distintas derivam de alguns poucos grupos linguísticos, e há indícios de que a língua egípcia seja a língua-mãe do continente. Em todo o continente e em diversas épocas, os povos africanos desenvolveram sistemas de escrita e de altos conhecimentos na astronomia, na matemática, na agricultura, na navegação, na metalurgia, na arquitetura e na engenharia. Na medicina, praticavam desde a cesariana até a autópsia, passando por vários outros tipos de cirurgia, mencionando ainda a vacina contra a varíola e outras doenças.

Eles construíram cidades belíssimas e centros urbanos de conhecimentos internacional em Timbuktu e os maiores lucros eram obtidos com o

comércio de livros. Criaram filosofias religiosas, sistemas políticos complexos e duráveis, obras de arte de alta sensibilidade e sofisticação. A riqueza do ouro e do marfim africanos não apenas compunha as moedas como decorava os lares e as beldades da Índia, China e da Europa. O melhor ferro no mercado internacional do século XII era o da África central e meridional.

Há registro do regime democrático muito antes de ele existir em qualquer lugar do mundo. O sistema matrilinear: a mulher tendo importantes funções com direitos sociais, econômicos, políticos e espirituais, a história da África é repleta de rainhas estadistas e guerreiras.

Entre seis mil e quatro mil anos antes da era cristã, já existiam concentrações de populações de prática agrícola incipiente ao lado dos rios Nilo,

Niger e Congo que protagonizaram avanços no conhecimento e na tecnologia.

A civilização egípcia, mais de quatro mil anos antes da era cristã, desenvolveu um calendário mais exato que o ocidental moderno. As pirâmides demonstram uma engenharia extremamente precisa há quase cinco mil anos. O Egito africano destaca-se entre as raízes da civilização ocidental.

A abundância dos recursos minerais, principal fator da cobiça e de exploração secular do território africano é, sem dúvida, a questão estrutural dos conflitos políticos, uma vez que o continente detém algumas taxas significativas no cenário global, a saber: 80% das jazidas de diamante conhecidas. 60% do ouro o mundo ocidental. 30% do alumínio mundial está na África.

Na Zâmbia e na República Democrática do Congo encontram-se as maiores reservas de cobre do planeta. No Marrocos estão 50% dos depósitos de fosfato.

O consenso científico sustenta que o homem moderno (*Homo sapiens*) evoluiu da África, há mais ou menos 150 mil anos. Além das ossadas fósseis, os mais antigos indícios de cada aspecto de sua presença, desde a manufatura de implementos até a arte primitiva, encontram-se na África. As pesquisas na área genética indicam uma origem comum do homem moderno na África, sendo todos os humanos de hoje descendentes daquelas populações.

Na década de 1970, foram encontrados, em Minas Gerais, os restos de uma mulher com aproximadamente doze mil anos, que passou a ser chamada de Luzia, cujas feições são nitidamente negroides.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões pontuadas pelos autores Castro (2005), Rodrigues (1977), Ribeiro

(2013) que dissertam sobre o tema, compreende-se que a África conhecida no Brasil como berço da escravidão é um equívoco, pois ela é responsável pelos avanços tecnológicos da história. Berço dos registros da presença humana com fósseis de australopitecos, atlantropos, homens de Neandertal e de Cro-magnon desde aproximadamente o fim da era terciária, e início da era quaternária. Continente mãe da escrita, arquitetura e engenharia na construção de grandes centros urbanos. Fez parte da sua evolução os avanços na prática agrícola, agropecuária, metalúrgicos, arquitetônicos políticos e na área da medicina e do comércio.

Estudos da história da África e afro-brasileiros demonstram que, diferente do que habita o imaginário popular, a África não esteve sempre ligada à escravidão e a miséria e passou por tempos prósperos nos aspectos políticos sociais e ambientais. A presença do colonizador e do escravizado não é um caso inédito da formação da cultura brasileira, essa relação de poder e submissão se fez presente ao longo do desenvolvimento da civilização. Compreendendo as mudanças ocorridas no continente africano ao longo dos séculos, e refletindo sobre o que distância o mundo contemporâneo do início das civilizações, possibilita a percepção da situação de secular da escravatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Yeda Pessoa. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (Academia Brasileira de Letras). Topbooks Editora, Rio de Janeiro RJ, 2001. 2ª edição 2005. 366 páginas.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*, Ed. Brasiliana. Bibliotheca V. H. Gintner: Rio de Janeiro RJ, 1977.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. Editora Companhia de Bolso. São Paulo. 2014. Publicado em 18 de set de 2013.

SOUZA, M. M. M., BRAGANÇA A. C. & FERNANDES, J. C. L. A evolução da integração étnico racial no ensino superior brasileiro. ENIAC, Guarulhos, 1º Congresso Internacional de inclusão, 2014, ojs.eniac.com.br. Revista Internacional - Brasil para todos, 2015.